

Madeira conquista mercado

A suíça Precious Woods exporta a acaricuara brasileira

Assis Moreira
de Genebra

A empresa suíça Precious Woods, que explora 80 mil hectares da floresta amazônica num programa de manejo sustentável, está introduzindo no mercado internacional uma nova espécie de madeira tropical, abundante e barata, que pode tomar parte do mercado de exportadores africanos e asiáticos.

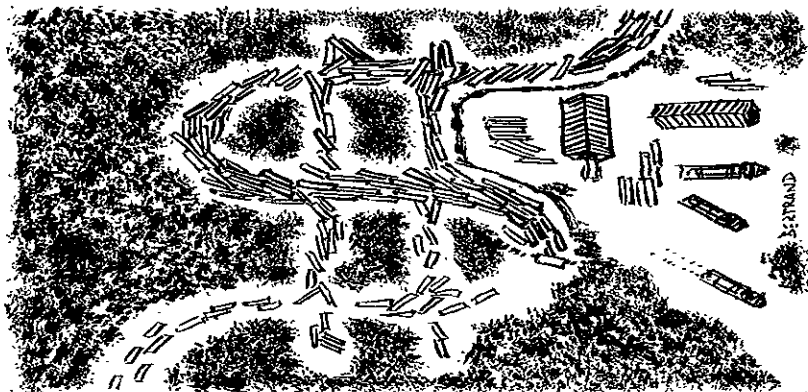
Trata-se da acaricuara, uma madeira quase tão dura quanto o ferro, que está sendo exportada para a Alemanha, e pode começar a ser vendida logo também para a Holanda. Na Alemanha, ela está sendo utilizada na beira do mar Báltico, para proteger a costa marítima do estado de Mecklenburgo-Pomerânia ocidental. Na Holanda, o interesse é de usá-la em margens de canais.

O Brasil aumentou de quatro para 50 o número de espécies exportadas, nos últimos anos. Isso pode ajudar o objetivo do governo, de dobrar as exportações num prazo de dez anos, de US\$ 600 milhões para US\$ 1,2 bilhão, diz Antonio Carlos do Prado, assessor do Ministério do Meio Ambiente, que participou em Genebra da segunda sessão do Fórum Intergovernamental sobre as Florestas.

“A acaricuara é um exemplo de espécie da Amazônia que pode tomar parte do mercado de madeiras resistentes, hoje exportadas pela Ásia e pela África, como a bougossi, em razão de seu preço menor”, diz Daniel Heuer, secretário da Precious Woods, na sede em Zurique. O faturamento de US\$ 1,2 milhão ano passado veio quase todo de sua filial Mil Madeireira, com 230 empregados em Itacoatiara, a 250 quilômetros a leste de Manaus, onde seu projeto de manejo sustentável, com corte controlado, recebeu aprovação do governo e ecologistas.

Mas a acaricuara é também um exemplo das dificuldades de exportação de madeira tropical, diante da forte sensibilidade da opinião pública. No primeiro semestre, a organização ecológica alemã Pro Regenwald, de Munique, acusou a firma suíça de haver fraudado nas exportações, já que parte da madeira não tinha o certificado do Forest Stewardship Council (FSC).

A Precious Woods reconheceu que 40% da acaricuara que exportara para Rostock vinha de uma madeireira amazonense vizinha da Itacoatiara, que estava porém em processo de certificação. Mas garantiu que tinha advertido o intermediário sobre isso. Somente na semana pas-



sada é que a firma suíça conseguiu o reconhecimento do governo do estado alemão que, de fato, não tivera intenção de fraudar. Agora a Precious vai ajudar financeiramente a MW Florestal do Brasil a obter a certificação para sua madeira, um processo que no total custa quase US\$ 100 mil, segundo Heuer.

Essa pressão cada vez mais forte dos consumidores europeus, para a proteção das florestas, implicará alterações nas fatias de mercado internacional de madeira. E é isso que está em jogo em Genebra, onde 35 países se reúnem periodicamente, desde o ano passado, no Fórum Intergovernamental sobre Florestas.

As florestas desaparecem ao ritmo de 11,3 milhões de hectares em média por ano, o equivalente a três Suíças, segundo a ONU. Mas um acordo internacional para a proteção das florestas está ainda distante, diante das divergências entre os países industrializados e em desenvolvimento, porque estes desconfiam de novas barreiras discriminatórias.

A ênfase nas discussões concentrou-se na proteção das florestas tropicais, quando se sabe que 80% da madeira negociada no comércio internacional vem de florestas temperadas ou boreal do Canadá, Estados Unidos e Escandinávia. O Brasil, com um terço das florestas tropicais, responde por 4% do comércio mundial desse tipo de madeira, com todo o resto nesse setor ficando com Indonésia e Malásia, principalmente.

Pressionados pela opinião pública de seus respectivos países, os industrializados vão ter de reduzir a exploração de suas florestas, o que daria espaço para produtos tropicais certificados no comércio mundial. Isso reduziria o espaço dos industrializados no mercado internacional. Para evitar isso, eles querem por tabela reduzir também as exportações de produtos da floresta tropical, para evitar a forte concorrência e garantir uma margem suficiente

para suas próprias exportações. Reagindo a essas manobras, o Brasil propôs que, na próxima reunião do fórum, em maio em Genebra, seja realizada uma discussão internacional para tratar especificamente do comércio e meio ambiente em “todo tipo de floresta”.

Além dessa barreira, persiste aquela especificamente tarifária. Apesar dos acordos de liberalização da Rodada Uruguai, os países industrializados impõem a escalação tarifária no comércio internacional de madeira, de forma que quanto maior o valor agregado do produto, maior a tarifa. Hoje, na Europa, ela vai de zero para a tora, para 8% sobre a madeira serrada e chega a 17% no caso de móveis.

“A política de preços praticada no mercado internacional de madeira não remunera o custo para o manejo sustentável”, afirma o secretário de Meio Ambiente de Minas Gerais, José Carlos de Carvalho.

O manejo sustentável da floresta eleva o custo de 15 a 30%, conforme o tipo de exploração, calcula Paulo Fontes, do Ibama. Um estudo feito pelo Brasil para a Organização Internacional de Madeiras Tropicais, sediada em Tóquio, concluiu que o custo necessário para o manejo sustentável da floresta amazônica alcançaria US\$ 14 bilhões em três anos, incluindo preservação, conservação, fiscalização, administração.

Em recente reunião em Genebra, o Comitê de Madeira da Comissão Econômica das Nações Unidas, reunindo 55 países, constatou que boa parte dos consumidores não quer pagar muito mais pela madeira ecológica tratada.

Ewald Rametsteiner, da Universidade für Bodenkultur em Viena, apresentou pesquisa, mostrando que, entre consumidores europeus, 80% nunca ouviu a expressão “manejo sustentável”. Quando esse termo é explicado, 60% aceita pagar até 6% a maior pelo produto. ■